

SOCIEDADE INFORMÁTICA, GLOBALIZAÇÃO E CULTURA*

Gilmar Arruda**

Resumo: Tomando como base a idéia de que o mundo atual vive uma experiência de globalização, o artigo aponta quais seriam as principais características deste fenômeno, especialmente a chamada “informatização” e procura demonstrar os mitos construídos a partir de uma afirmação de “inexorabilidade” da mundialização e da informatização do mundo.

Palavras chaves: informatização; globalização; educação; tecnologia; cultura; meória.

Antes de mais nada devo comentar que ando meio confuso sobre os significados atribuídos a Globalização. Na verdade o que eu tenho certeza sobre este assunto é que ele se tornou o tema da moda e que é relativo ao globo terrestre. Serve para tudo e para todos. O preço do feijão subiu é a globalização, aumentou o desemprego, globalização, sobra mês para o salário, efeito da globalização, está com dor de dente, globalização, e por aí vai. Bom, mas tirando a ironia, o que eu quero dizer é que tanto os apóstolos quanto os detratores deste fenômeno usam o termo para explicar tudo. Sendo matuto, nascido, criado e vivente do interior, que vê o mundo pelos jornais e livros, pela janela do escritório, como dizia

* - Versão semelhante deste texto foi apresentada na mesa-redonda “Mídia e Globalização” durante o I Ciclo de Estudos e Debates: Desafios da Contemporaneidade”, UESB, Vitória da Conquista/BA, 23 a 27 de março de 1998.

** - Professor do Departamento de História - Universidade Estadual De Londrina- Campus Universitário, Londrina-PR - 86051-970 - e - mail: garruda@npd.uel.br.

Drumond, já é um bom motivo para ficar ressabiado

Começemos pois concordando que existe um fenômeno em constituição, ou um processo histórico em andamento neste fim de século que parece estar revirando todas as noções que usávamos para entender/explicar o mundo. Noções como Estado-nação, fronteiras, espaço/distância, publico/privado, tradição, língua nacional, história, trabalho e trabalhadores, etc.

Acredito que a base deste fenômeno está no que Adam Schaff chamou de a II Revolução Técnico-Industrial, ou a Revolução da Informática, ancorada em três fatos; 1) A revolução da informática, tanto na produção de mercadorias como na circulação de informações, 2) a revolução da biotecnologia e 3) a revolução energética. Num sentido geral, Schaff diz que a presente revolução “ consiste em que as capacidades **intelectuais** do homem são ampliadas e inclusive substituídas por autômatos, que eliminam com êxito crescente o trabalho humano na produção e nos serviços(..) Ainda mais: enquanto a primeira revolução industrial - [aquela do século XVIII E XIX] conduziu a diversas facilidades e a um incremento no rendimento do trabalho humano, a segunda [revolução], aspira à eliminação total deste, [trabalho].” (SHAFF, 1995: 22)

Adam Schaff faz um exercício, uma reflexão sobre as possíveis consequências deste fenômeno, a informatização do mundo, o surgimento de um mundo sem “trabalho” como nós o entendemos, da possibilidade da existência a curto prazo, de fábricas “unmanufacture”, ou seja, sem mão de obra viva. Claro que isto significaria a nossa libertação da maldição bíblica de ganhar o pão com o suor do próprio rosto. O problema é: o que será colocado no lugar do Trabalho, numa sociedade que aprende desde cedo que o trabalho é única coisa que dignifica o homem, ou de outra forma, vivemos para trabalhar.

Mas a minha intenção hoje não é tanto especular sobre a sociedade informática e o desaparecimento do trabalho e sim. particularmente, levantar algumas questões que envolvem

os temas da informática, da globalização e da cultura. Assim, em primeiro lugar falarei um pouco sobre a globalização e, principalmente, dos mitos criados em torno dela; em segundo lugar, será a vez da “informática” pensada como uma tecnologia e não uma panacéia, sobre os pressupostos implícitos na sua utilização, nas possíveis conseqüências da sua utilização e, em terceiro lugar, o que o fenômeno globalização e informatização poderiam estar provocando no campo da cultura, aqui entendida de forma ampla, especialmente, como tradição e sentimento de identidade e pertencimento de grupos sociais.

As conseqüências mais visíveis, e talvez mais discutidas, deste fenômeno chamado globalização, que tem como base a II Revolução técnico-industrial, são o desemprego crescente, sem alternativas, a eliminação de barreiras que antes eram consagradas como legítimas, as fronteiras nacionais, por exemplo, a intensificação da circulação das informações - valores culturais - propiciados pelo incremento na tecnologia de transmissão de dados. Mais do que em nenhum momento anterior, o controle da informação passou a ser fundamental para objetivos políticos e econômicos.

Muitas das mudanças que podem ser atribuídas a globalização têm, segundo o meu olhar de sertanejo, uma origem anterior. Estariam ligadas a própria característica da sociedade contemporânea, definida por Hannah Arendt nos anos 50 como uma sociedade de consumo, uma sociedade tecnológica, ou uma sociedade de narcisistas como foi denominada nos anos 70 pelo psicanalista americano Christopher Lasch, em *Cultura do Narcisismo*, um livro fundamental para entender o mundo contemporâneo.

A globalização aprofundou as características desta sociedade: fim da esfera pública como local da política e a redução do cidadão a um consumidor passivo de desejos criados pela publicidade/simulacro; unificação em escala mundial de produtos, cultura e desejos, com a conseqüente propagação dos discursos do fim da história e a vitória do neo-

liberalismo, o fim da solidariedade humanística.

Mas como dissemos, o caráter mais difundido da chamada globalização é sua função “explicativa de todos os males” e uso como argumento de adesão a determinadas políticas econômicas, notadamente as de cunho neo-liberal empurradas pelos organismos internacionais, como Banco Mundial, FMI, etc, junto com os financiamentos.

Mas nem tudo é rosa e inexorável nesta marcha triunfante, pelo menos para os homens do poder, da globalização e do neo-liberalismo. Alguns mitos foram estabelecidos e precisamos desmantelá-los, como foi exemplarmente demonstrado por Luis Antonio de Fiori(1977: 230/236).

1º mito - “A globalização é uma resultante exclusiva das forças de mercado”, resultado das expansão capitalista e irrecusável por qualquer governante minimamente realista.

Algumas decisões políticas fundamentais tomadas, que se tornaram responsáveis pela direção assumida pelo processo alimentado pelas transformações tecnológicas e competição mundial, especialmente as decisões econômicas do governo norte americano, no final dos anos 70, para fortalecer o dolar e recuperar a hegemonia mundial.

As pressões políticas exercidas pelos países industrializados e organismos econômicos internacionais com o intuito de estabelecer uma homogeneização das políticas econômicas adotadas pelos países do “terceiro mundo”, dependentes de crédito internacional, ou a vinculação da avaliação destes organismos com a liberação dos tais capitais financeiros, são na realidade decisões políticas unilaterais e não um processo histórico inevitável.

Portanto, em síntese, o que se aprende é que a globalização em curso é um fenômeno simultaneamente político e econômico e que “portanto, se a globalização é uma obra material do mercados, sua verdadeira direção e significado vêm sendo dados pelas opções política-ideológica de algumas poucas potências mundiais”(Fiori, 1997: 231).

“2º mito - A globalização é um fenômeno universal, inclusivo e homogeneizador”.

Os números apontam tendências diferentes: O comércio mundial entre 1973 e 1990 cresceu 39 % acima do PIB mundial, porém entre 1950 e 1973, portanto antes do período denominado de expansão da globalização, o comércio mundial cresceu 53% acima do PIB mundial.

Quanto ao seu caráter “inclusivo”, integrador de todos os países e distribuidor da riqueza para todos os participantes pelo mundo, podemos dizer que algumas poucas centenas de grandes corporações detêm 2/3 do comércio mundial, sendo que 1/3 deste comércio é diretamente entre firmas e outro 1/3 acontece entre grandes corporações. Além disso, as 100 maiores empresas detem 1/3 do estoque de capital mundial, sendo que 32 são americanas e 19 japonesas.

Nem mesmo pode-se dizer que a globalização possui um caráter supranacional, pois do valor agregado pelo comércio internacional, ¾ são agregados nos países de origem das multinacionais ou transnacionais.

Tomando os fluxos de investimentos em 1995, descontando os investimentos financeiros e especulativos, resultam em 315 bilhões de dolares. Deste total, 70% foram para os países da chamada tríade-(Japão, Alemanha e USA) . Os 100 bilhões restantes, foram assim distribuídos: 30% para a China, 7% para o México, 4,9% ao Brasil e 3,9% para Argentina.

Do total aplicado, 229 bilhões foram destinados a fusões e incorporações entre empresas não resultando, portanto, em nenhum aumento da capacidade produtiva nos países de destino do capital.

Entre 1994 e 1995 houve um crescimento de 40% nos investimentos mas -90% ficaram na própria tríade. sendo que 2/3 vieram provenientes de apenas cinco países - EUA, Inglaterra, França, Alemanha e Japão. Para completar dos cerca de 180 países existentes hoje no globo, 100 recebem apenas 1% de investimento estrangeiro direto.

Em resumo, “os capitais privados preferem se

concentrar em áreas que oferecem vantagem em escala oferecidas pelas ‘region state”, o que acaba aumentando a “dessolidarização” econômica interna do espaço nacional. Esta concentração reforça a “criação de espaços econômicos descontínuos cada vez mais extrovertidos e cada vez menos integrados nacionalmente”(Fiori, 1977: 235). Podemos estar de volta as definições da economia colonial brasileira, caracterizada por núcleos produtores totalmente vinculados ao exterior e sem contatos com o mercado interno.

As piores conseqüências, não poderiam deixar de ser, estão na questão social, com o aumento de forma gigantesca da “polarização entre classes e países, e também dentro dos próprios países”(Fiori, 1977: 235).

3º mito: “A globalização promove uma redução pacífica e inevitável da soberania dos estados nacionais”.

Cabe inicialmente considerar, que boa parte dos países que surgiram no século XX, os estados territoriais, quase nunca passaram de “quase-estados”, com muito pouca soberania e força para fazer valer os próprios limites territoriais.

Além disso, os chamados efeitos da globalização, especialmente a dissolução dos limites do Estado-nação e suas prerrogativas, atingem diferentemente os países, conforme as latitudes, como pode ser visto com os países da tríade.

Embora, a globalização e o fenômeno da expansão da informática, a construção de uma sociedade informática, nos apareça como intimamente ligados, devemos notar que apesar de haver ligações entre eles, podem ser descolados quanto aos interesses e efeitos. De um lado, percebemos que globalização mesmo aconteceu somente com o “capital financeiro” que encontrou no desenvolvimento dos meios de comunicação uma tecnologia adequada para empurrar os mercados especulativos para todo o globo e, por conseqüência, as crises também tornaram-se mundiais embora com efeitos diferentes em diferentes países, como vimos no “crash” da Ásia de 1997 e a sua continuidade da crise em 1998.

Quanto ao “neo- liberalismo”, ideologia da

globalização, assim como o bom e velho Marx havia chamado a “economia clássica” de ideologia do capitalismo, continua triunfante entre nos nossos “tecnocratas” do Ministério da Fazenda, da Educação, da Saúde, etc, Eles fazem parte daquilo que Jean Chesneaux chamou de “jet-modernos”, um grupo de profissionais que perderam completamente suas referências espaciais, aquilo que chamávamos de “nacionalidade” e se identificam por um mesmo discurso, o “neo-liberalismo privatista”, por um mesmo idioma, “o inglês”, por um mesmo tipo de consumo da tecnologia, necessário ter o último “notebook”, por um trânsito constante entre os vários lugares do mundo, seu lugar predileto é dentro de um avião. eles não conhecem o mundo, apenas os aeroportos e hotéis, que por sinal tornam-se iguais em todos os lugares do mundo. Estes “jet-modernos”, são os “funcionários” dos organismos internacionais - “FMI, ONU, etc - executivos de grandes empresas, funcionários do alto escalão dos diversos países, burocracia sem fim, membros das “elites” acadêmicas. Eles se sentem muito bem neste trânsito infundável entre os diversos lugares do mundo.

Vamos ao problema da informática e, também, os seus mitos: Inicialmente a própria noção de que a expansão da informática é uma verdadeira revolução industrial. Jean Cheaneaux faz a seguinte pergunta: “A informática está mudando radicalmente nosso modo de viver e, talvez, de pensar - assitiríamos nós a uma verdadeira “revolução informática?” (CHESNAUX, 19996: 109). E em outra parte, “Solidamente acampada nas baterias de computadores de todos os tamanhos e de muitas “gerações”, a informática é *prima dona* das novas tecnologias. Ela é onipresente e onicompetente, movimentando o campo econômico e as relações sociais, a língua e o intelecto, o nós e o eu. Mereceria ela, no entanto, ter lugar entre as grandes revoluções da história humana?” (CHESNEAUX, 1996: 112). O que está se denominando de revolução da informática repousa sobre duas inovações decisivas: a programação e a memória.

A “programação” é a tipificação do real”, a única forma de estabelecer a possibilidade da comparação entre dados, neste sentido, ela empobrece o real e cria, difunde e cristaliza uma forma de pensar e agir tipificada e normalizada. “A programação é assim redutora, efetuando uma otimização dos procedimentos gestuais e mentais no formato da máquina, e propondo um código, uma letra apropriados às capacidades da máquina.” (idem, p. 113).

Se pararmos para pensar notaremos que a informática não produz nada, pois trata-se apenas de uma maneira de organizar e utilizar informações existentes em outros lugares. O que a informática produziu, em alguns lugares, foi ganhos consideráveis de produtividade, acelerando a circulação das mercadorias, criando o processo do “*just in time*” por conseguir manipular e reter enormes quantidades de dados ao mesmo tempo e em num mesmo lugar, o que caracteriza sua capacidade de memória.

Devemos nos perguntar sobre qual tipo de sociedade que colocou como sua criação máxima, atribuindo-lhe as capacidades de gerir o mundo. Não devemos esquecer que a informática é apenas uma tecnologia, que não cria nada, apenas atende aos desejos humanos, conscientes ou não, que permitiram o seu surgimento. Assim como a ferrovia, já conhecida muito antes de sua expansão no século passado, os computadores também, enquanto base teórica também o eram, mas foi preciso esperar o período pós-segunda guerra para se desenvolver.

E o que caracteriza este momento é a necessidade dos Estados, “tanto antigos como os novos”, foram colocados diante responsabilidades cada vez mais complexas. Era necessário assegurar a gestão, ao mesmo tempo sutil e centralizada, das grandes sociedades, dominar dados cada vez mais diversos e imateriais,”(idem, p. 117). O desejo implícito no surgimento e expansão da informática é ambição de controle total dos homens, através de sua uniformização em dados manipuláveis e verificáveis, a qualquer momento em tempo

“real”, “on-line”, da “minuciosa gestão” como diz Chesneaux, numa forma bastante foucaultiana.

Ainda, quanto a informática, é corrente a mitologia de que irá revolucionar o processo educacional, ao ponto de se admitir que sem microcomputadores não é mais possível ensinar. E o “programa” de controle já começa cedo, na escola, com as crianças ainda pequenas. “pode se amar ou infernizar um professor, descobrir nas diversas ocasiões um jogo sutil de convivências e de relações de força e, assim, aprender as relações humanas e não somente os conhecimentos.”(idem, pp: 117/8) mas não um computador. Mas efetivamente, no que exatamente estas máquinas podem ajudar? Elas auxiliam, é certo, na disponibilidade de informações para uso em sala de aula, desde que estejam interligadas na rede Internet e venham com os cd-rooms de banco de dados, enciclopédias, etc. De qualquer forma estas informações poderiam ser adquiridas de outras maneiras em bibliotecas tradicionais e públicas.

A simples concentração de informações em um cd-room, ou numa biblioteca virtual não ajuda em nada se o acesso a ela estiver condicionado a “compra” e “pagamento” pelo seu uso como ocorre normalmente com os “bancos de dados” organizados de forma privada. Ao contrário das bibliotecas públicas, onde o acesso é livre e gratuito, o pagamento pelo uso da informação significa uma restrição, uma forma de discriminação.

Além disso, a tecnologia investida na informática, notadamente os recursos visuais através do uso de símbolos nos programas, a hegemonia de um “dialeto” inglês, as mensagens de auxílio e alerta com uma enorme pobreza de vocabulários, poderá produzir uma geração que não mais consiga entender a palavra escrita, ou dela fazer uso para se comunicar.

De outro lado, a “tecnologia” da informática, da qual assistimos uma corrida ensandecida para conquistar maiores velocidades no processamento da informação, apenas, como dissemos, opera a partir de um desejo de “uniformizar” o social

e o diverso, talvez herança dos sistemas totalitários da primeira metade do século XX.

Devemos nos lembrar, como faz Jean Chesneaux, de que por trás dos grandes investimentos no desenvolvimento da “informática” estão os Estados, as voltas com a “administração” e o controle cada vez mais complexo de um número crescente de cidadãos.

O crescimento gigantesco dos bancos de dados dos mais diversos tipos coloca-nos o problema de quem administra e como são administradas essas informações. Dependendo do caráter público ou não, do maior ou menor acesso, da transparência no gerenciamento destas informações, estaremos diante da possibilidade do surgimento de uma sociedade absolutamente totalitária. Não mais controlada pelo Estado, mas sim pelas “empresas” detentoras da propriedade destas informações. Dados que já existem, apenas estão espalhados, mas podem ser recolhidos nos milhares de pequenos bancos de dados espalhados por aí e reunidos em um só. Será que saberíamos responder qual a quantidade de informações individuais, particulares ou não, podem nos bancos de dados das instituições financeiras, dos serviços públicos, dos cartões de créditos, das lojas de departamentos, na Receita Federal, das firmas onde trabalhamos, do IBGE, dos hospitais, nos institutos de pesquisa, etc? Basta juntá-los. E teremos o **“GRANDE IRMÃO”**.

O desenvolvimento das tecnologias de comunicação via satélite, a mundialização da economia, a intensa circulação dos “jet-modernos” e a criação de novas “region states”, são alguns aspectos desta nova realidade que se apresenta para o terceiro milênio, mas as consequências mais funestas a longo prazo parecem estar no campo da cultura, do desmantelamento quase que completo de antigas formas de produzir, pensar e sentir em determinados territórios invadidos pelas novas ondas - sejam magnéticas ou econômicas.

Conforme nos ensina Hannah Arendt: “A cultura, palavra e o conceito - de origem romana. A palavra “cultura”

origina-se de *colere* - cultivar, habitar, tomar conta, criar e preservar - e relaciona-se essencialmente com o trato do homem com a natureza, no sentido do amanhã e da preservação da natureza até que ela se torne adequada à habitação humana. Como tal, a palavra indica uma atitude de carinhoso cuidado e se coloca em aguda oposição a todo esforço de sujeitar a natureza à dominação do homem.”(ARENDT, 1972: 265).

Embora, no período moderno e, num certo sentido comum, ela foi vista como ilustração, como arte e até, afetação, gostaria de reter aqui a relação entre a cultura e a terra, o espaço, o território, o lugar em que vivemos, mencionado por Arendt.

De alguma forma, e não é importante aqui saber como, a relação entre transmissão da cultura, entendida como a nossa herança cultural preservada através da memória coletiva - seja ela oral ou não - e a sobrevivência do espaço real onde ela foi gestada manteve-se. A memória não sobrevive se o seu suporte material for destruído, se sua forma concreta de ser evocada no presente, não mais existir. Se os objetos que nos ligam ao passado e articulam a nossa permanência no mundo, como continuadores de uma tradição, desaparecem ou se tornam objetos de simples consumo, a própria cultura também desaparecerá.

É sintomático que o surgimento das “culturas nacionais” ou de outra forma, dos movimentos de afirmação de identidades culturais foram contemporâneos do surgimento e afirmação dos estados-nacionais e de seus territórios. A ligação entre a cultura e a terra mantivera-se.

O que a globalização, no sentido de mundialização dos mecanismos econômicos, das estratégias de alocação de recursos e investimentos, tanto produtivos como especulativos, está provocando uma ruptura, embora como dissemos não com o mesmo sentido em todas as latitudes, dos antigos territórios nacionais e sua forma política os Estados-nacionais.

Decisões tomadas em um outro lugar do mundo simplesmente fazem desaparecer culturas, modos de vida, relação com a natureza, etc secularmente preservadas. Embora, como diz Hobsbawm, (1995) deveríamos pensar que talvez os subsídios aos agricultores ou a produção cultural nacional não sejam apenas ecos antigos de um nacionalismo fora de contexto, mas sim parte de uma certa percepção que algumas esferas do social deveriam ser colocadas longe e a salvo da ótica de valoração monetária, como forma de preservação das culturas.

Desintegração de espaços tradicionais, de formas de sociabilidade pelos efeitos da mundialização da economia, que só admite a valoração dos objetos pela ótica monetária, coloca em risco as identidades construídas e mantidas pela permanência do espaço que permitiu seu surgimento.

O que podemos dizer é que a sociedade informática, ou sociedade tecnológica, ou sociedade de consumidores, destrói e anula as formas de valoração dos objetos humanos, reduzindo tudo a uma questão de otimização de custos e lucros. A cultura, a memória coletiva, as identidades tornam-se antes de tudo objetos de consumo, de moda. A desintegração dos espaços, das regiões socialmente vividas, a imposição de consumo obrigatório baseado em modelos importados, desarticulam os elementos identificação memória e portanto da cultura.

Como disse HOBBSAWM, (1995: 13)

“A destruição do passado - ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas - é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.”

Estas são em linhas gerais as consequências da informática e da globalização, com mitos ou sem eles, resultados perceptíveis nos “shoppings” , nas “expressões” em inglês, que se tornam correntes entre nossa juventude, a desvalorização dos elementos que compõem nossas identidades, como a natureza artificial dos cigarros Marlboro, os carros importados, a tentativa de sermos iguais aos gringos, etc, etc.

Esta perda é consequência direta da “sociedade tecnológica” que não se importa mais com as características especificamente humana dos humanos, aquilo que nos diferenciava dos animais e dos deuses, a nossa capacidade de ter criado um mundo em que podíamos através do discurso e da ação produzir a história. Neste mundo era possível descobrir e manter uma das características fundamentais da condição humana, a pluralidade.

A pluralidade sempre foi garantida pela natalidade, pelo fato de cada ser novo que vem a esse mundo é algo completamente novo e diferente do que jamais existiu ou existirá. É exatamente isto que nos dá esperança, como disse Hannah Arendt:(1983: 187).

“O novo sempre acontece à revelia da esmagadora força das leis estatísticas e de sua probabilidade que, para fins práticos e cotidianos, equivale à certeza; assim, o novo sempre surge sob o disfarce do milagre. O fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isto, por sua vez, só é possível porque cada homem é singular, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro** SP: Perspectiva, 1988.
- _____. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.
- CHESNEAUX, Jean. **Modernidad- mundo**. 2ª ed. Vozes: Petrópolis/RJ, 1996.
- FIORI, José Luis. **Os falsos moedeiros**. 2ª ed. Petrópolis/RJ:Vozes, 1997.
- HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX -1914-1991**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo; a vida americana numa Era de Esperança em declínio**. RJ: Imago, 1983.
- SCHAFF, Adam *A sociedade informática*. 4ª ed. S.Paulo: Unesp/ Brasiliense, 1995